

The book cover features a dark purple background with a whimsical night sky theme. A large yellow crescent moon is in the upper left, with several small white and yellow stars scattered across the sky. In the upper right, there are stylized grey clouds. A black silhouette of a witch's hat with a white band is positioned on the right side. In the lower left, a broom with a long brown handle and a light-colored bristle head is shown. In the lower right, a green four-leaf clover is visible, and a yellow star on a grey stick is positioned near the bottom right corner. The title is written in a yellow cursive font, and the subtitle is in a smaller white sans-serif font. The author's name is at the bottom in a white sans-serif font.

História Contada Poesia Criada

Fantasia e poesia

INÊZ DRUMOND



.....

HISTÓRIA CONTADA POESIA CRIADA



INÊZ DRUMOND



2020
BELO HORIZONTE

D795a Drumond, Inêz

História contada poesia criada/Inêz Drumond-2018.
118p.21cm

ISBN: 978-85-923753-0-0

1.Literatura Brasileira 2. Literatura Infantil 3.Poesia

Agradeço a todos que, de alguma forma, acompanharam a elaboração deste livro, em especial, aos queridos David Alvarenga Drumond, com a sua linda arte, e Laércio José de Oliveira, pela gentileza na correção.

APRESENTAÇÃO

Ó que vai acontecer com um cachorrinho cego que está se aproximando de um monstro, com a princesa que perdeu a memória, uma menina bem desorganizada ou com o pato que só sabe reclamar?

Envolver-se com uma história e expressá-la de forma lúdica, com ritmos, rimas e com a sensibilidade que ressalta de uma poesia, é o desafio para que o conto encante e o encanto seja adornado. Proporcionar este momento poético é um convite a que se estimule a percepção de que a poesia está em tudo, em todas as situações da nossa vivência, retratando com beleza as emoções, os pensamentos.

Um jogo de palavras que adquire novo sabor em significados ao revelar-se a origem do seu imaginário e que, ao mesmo tempo, incita a uma diversidade de expressões. Esta é a proposta que então se apresenta, uma elaboração poética na qual a criança é chamada a interagir, inicialmente aliada ao conteúdo do texto, mas, com o intuito de que seja um incentivo à sensível manifestação de seus sentimentos.

As histórias devem ser preferencialmente contadas, dando ênfase às palavras nelas grifadas, pois estas finalizam o último verso de cada estrofe da poesia que a sucede. Terminada a contação da história, convide as crianças a completarem a poesia, enfatize também as palavras nela negritadas, pois estarão compondo a rima com as palavras do texto.

Esperando que este trabalho propicie ricos momentos de reflexão através de suas mensagens e seja auxílio a um despertar poético, desejo também a todos, um bom entretenimento.

Inêz Drumond

Sumário

LAGARTIXA NA PRAIA	9
CELULAR SEM SINAL	12
O PATO RECLAMATO	15
BAGUNÇA	18
FORMIGUEIRO EM PERIGO	21
ARTE DE CRIANÇA	24
UM CÃO CORAJOSO	26
MUNDO GRANDE	29
A LINGUAGEM DOS PÁSSAROS	32
UMA SIMPLES PIPOCA!	35
TUDO ESTÁ CERTO, CENTOPEIA!	38
MENINO DOCE	41
TITILO, O CONSTRUTOR	44
PRIMEIRO EU	46
COÇA QUE COÇA	49
A LIÇÃO DOS VENTOS	52
O MELHOR CARNAVAL	55
NA FESTA JUNINA	57
UM OVO QUE NÃO ERA DE PÁSCOA	59
NOEL	62
AS APARÊNCIAS ENGANAM	65
ANTES TARDE DO QUE NUNCA	68
MENTIRA TEM PERNAS CURTAS	71
COISA POUCA NÃO SE REGRA...	74
OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS	76



LAGARTIXA NA PRAIA

Na casa da lagartixa não havia lugar para mais nada, isto porque tinha a mania de comprar tudo que não precisava e o que era importante, esquecia. Adquiria um secador de cabelo num dia, em seguida, outro, e depois, outro, só por terem pequenas diferenças e o mais espantoso, é que nem cabelo possuía. Agia sempre assim, acumulando montanhas de objetos.

Num belo dia foi convidada para uma festa e querendo ficar mais bonita, resolveu ir à praia, pegar uma cor, pois estava muito branquinha. Durante horas procurou por seus biquínis, mas, foi impossível achá-los em meio a tantas coisas. Colocou uma minissaia mesmo, seus óculos escuros e se foi.

No caminho encontrou com o seu amigo caracol, que espantado ao ver que ela se dirigia para a praia, perguntou:

- Dona lagartixa vai tomar banho de mar neste horário, em que o sol está tão forte?

- Claro que sim, sei que estou atrasadinha, mas, tenho uma festa para ir e quero me bronzear!

- A senhora devia levar uma sombrinha e principalmente o **filtro-solar**, ou pode virar um **chouriço**!

- Eu me esqueci de comprar o filtro-solar e quer saber, o senhor está é me fazendo perder mais tempo, vou assim mesmo. Além do mais, isto não é da sua conta, preocupe-se com sua vida, enxerido!

Chegando lá a lagartixa se esticou na areia e, bem sossegada, escutando o barulhinho das ondas tão parecidos com uma cantiga de ninar, acabou cochilando. O tempo passou e ela nem percebeu. Quando acordou sentiu tanta fraqueza que não tinha forças sequer para se mexer, estava desidratada. A sua pele ardia, toda **queimada**. Lembrou-se do caracol lhe prevenindo sobre os riscos de ficar ao sol, mas, não o escutou e ainda lhe respondeu com muito atrevimento. Agora morreria sem conseguir sair dali e sem qualquer proteção estava perdida, **perdida** mesmo!

Foi nesta hora, para a sua maior surpresa, que chegou o caracol e a salvou daquele **perigo**. Prestativo ele a levou para casa e dela cuidou até que ficasse boa. A lagartixa estava envergonhada, pediu desculpas por sua grosseria, pelas ofensas que lhe dissera e agradeceu por toda atenção, mas, principalmente, por ser um verdadeiro amigo.

O caracol, que já tinha bastante conhecimento da vida, respondeu que sabia que ela estaria em apuros e jamais deixaria que o rancor o impedisse de ajudar alguém.

O melhor é que, depois do que aconteceu, a lagartixa parou de comprar tantas coisas inúteis, não achava mais graça nisto, concluiu que o que mais vale ter é muito amor para com os outros.

Fiquei nesta praia

De papo **pro ar**

Só de minissaia

Sem filtro- -----

Disse o caracol

Cuidado com **isso**

Lagartixa no sol

Pode virar -----

Não dei atenção

E fui **atrevida**

Mas sem proteção

Eu estou -----

Assim vou morrer

Bem **desidratada**

Sem poder mexer

A pele -----



Chegou sem demora
O meu bom **amigo**
Salvando na hora
Daquele -----

Respostas: (solar), (chouriço), (perdida), (queimada), (perigo)



CELULAR SEM SINAL

Cadu tinha terminado as suas tarefas e lido uma boa parte de um livro de mistério, outro de aventura e outro de ficção. Ele gostava tanto de livros, que não conseguia ler só um de cada vez. Foi, então, que a barriga roncou de fome, pois já havia passado um bom tempo do horário de lanchar. Reclamou com a mãe, que conversava pelo WhatsApp e lhe respondeu que procurasse alguma coisa na geladeira, ela estava ocupada. Mais tarde o pai chegou do serviço e bateram aquele papo de sempre, quer dizer, bem mais rápido do que de sempre, porque o telefone dele começou a tocar um interminável pim pom.

A situação foi piorando, os pais, que eram tão carinhosos, já não lhe davam atenção, tinham sempre o celular em navegação, no pé da orelha, na palma da **mão**. Em casa o silêncio era enorme, os dois conversavam pela internet, estando um ao lado do outro, o lindo jardim, antes tão bem cultivado, encheu-se de capim, o carro ficava imundo e a alimentação passou a ser qualquer coisa comprada pronta, acabaram-se os bolos, lasanhas e tantas gostosuras que a mãe fazia com prazer e capricho.

Cadu estava indignado e decidiu protestar. Puxando os pais pelos braços gritou: “Senhor Saulo e dona Alcina, olhem para mim!”. Foi então que eles se espantaram e logo perguntaram:

- Filho, que pelota é esta no seu nariz?

- Isto foi uma abelha que me picou e já faz três dias, montei a barraca de acampamento na sala, trouxe um gato da rua para morar comigo e nada disto perceberam. Tenho raiva de celular, por causa dele estou sozinho junto de vocês.

- Querido, tente entender, nós precisamos dele para trabalhar, respondeu o pai.

- Antes não trabalhavam sem parar um minuto, nem à noite e nos fins de semana, vocês ouvem quem está longe, mas, a mim, que estou aqui pertinho, não conseguem **escutar**, disse Cadu.

Era verdade, os pais tiveram que admitir, ficavam horas em bate-papos e em joguinhos também. Prometeram mudar e combinaram de ir conhecer uma nova cachoeira, um ótimo passeio com a família unida. Cadu ficou muito feliz com esta decisão!

Saíram bem cedinho, estacionaram o carro numa pousada que ficava diante da trilha, lá tomaram um gostoso café da manhã e iniciaram a caminhada, sentindo o delicioso cheiro do mato ainda molhado pelo orvalho.



Já tinham andado bastante quando, de repente, dona Alcina saiu correndo e aos berros. Cadu e o pai sem entender o que estava acontecendo, dispararam atrás dela. Neste dia descobriram que dona Alcina podia disputar qualquer prova com obstáculos, porque saltava por troncos, por enormes pedras, pulava barrancos, com a maior agilidade. Quando os dois finalmente a alcançaram fazendo com que parasse, ela gritou ainda em pânico: “uma barata!”.

Cadu logo protestou: “Mãe, você quase nos mata de susto por causa de uma barata! E o pior, saímos da trilha, agora estamos perdidos!”

Pronto, isso foi suficiente para um novo ataque de desespero, agora, da mãe e do pai. Depois que a gritaria acabou e todas as baratas e outros bichinhos fugiram com medo, o senhor Saulo tentou fazer uma ligação com o celular, mas, ali não tinha sinal, sugeriu então procurarem o caminho de volta. Cadu explicou que precisavam tomar algumas providências antes, ou poderiam se perder mais ainda. Sabia porque já tinha lido vários livros sobre o assunto, que até ensinavam a achar os pontos cardeais através da sombra de uma vareta, mas, como ele era prevenido, trouxera a sua bússola.

Então, Cadu subiu em uma grande pedra e conseguiu avistar a montanha do gigante deitado e um Jequitibá. O pai confessou encabulado ainda não saber qual direção tomar. O menino, que em tudo prestava atenção, pegou em seu bolso um folheto da pousada, onde tomaram café, nele estava o mapa do local, ressaltando a montanha do gigante, a enorme árvore, um riacho e suas direções em relação à pousada. Agora, seguiriam orientando-se pela bússola e tomando o cuidado de quebrar alguns galhos, para marcar o caminho de volta, caso precisassem.

Depois de um bom tempo escutaram o barulhinho de água, localizar o riacho era o que mais queriam, porque o mapa indicava que ele se encontrava com a trilha e foi o que logo aconteceu. Houve nova gritaria do pai e da mãe, mas, agora, de alegria com o filho.

Chegando em casa decidiram: usariam o celular só para as coisas úteis e necessárias, é sensacional, mas, ser controlado por ele, não é **legal**. Assim, as delícias que dona Alcina cozinhava tornaram a aparecer, tudo voltou a ser bem cuidado e mesmo com o aparelho fazendo o seu incansável **pim pom**, agora havia tempo para o que é bom, para conversarem e para... lerem.

Ah! Bendita e salvadora leitura!

Tanto celular
Em **navegação**
No pé da orelha
Na palma da ---

Quanto mais se ouve
Quem longe **está**
A quem fica perto
Não sabe-----

Precisa cuidado
É sensacional
Mas se te controla
Não fica -----

Divida o tempo
Com o que é **bom**
Enquanto ele vai
Fazendo -----

Respostas: (mão), (escutar), (legal), (pim pom).





O PATO RECLAMATO

Naquela pequena aldeia viviam muitos animais e todos diziam que o pato Reclamato era mesmo antipático. Ele acreditava ser esperto, mas, não gostava de ser pato, preferia ser **marreco**. Estava sempre aborrecido e, quando precisava fazer o que era certo... neco- neco!

Reclamava de tudo e não era amável com ninguém, se lhe falavam “bom dia!”, ele respondia mal-humorado: “este dia sem **graça**, o que de bom ele tem?”. Quando via o lago sujo, logo franzia a testa e, se alguém o limpava, achava ruim, porque estava limpo demais.

A comida tinha sempre muito ou pouco tempero, com sol ou com chuva, o tempo nunca estava **maneiro**. Descansando se cansava e é claro, cansado dizia que não se **trabalha**, não queria ficar parado e nem queria vaivém. O silêncio era um incômodo e o barulho só o atrapalhava, logo ia para outro cômodo e, carrancudo, praguejava.

Certa vez, o cachorro Tonhão latia para afugentar um gato que queria entrar na casa de seu dono, vigiar era o serviço que ele fazia com capricho. Não demorou para o Reclamato ir ralar com o enorme cão. Aproximou-se dele com cara ruim e já foi gritando:

- Bicho danado pare de latir ou minha fúria você irá sentir!

Tonhão ficou com os olhos vermelhos de tão irritado e respondeu:

- Estou fazendo meu trabalho e sou o cão mais forte deste lugar, quem é você pato pequeno para vir me ameaçar?

Reclamato não se importou e continuou:

- Não quero saber do seu tamanho, do seu bafo ou se é forçado. Pare de latir seu narigudo!

O **cachorro**, já babando de raiva ainda avisou:

- Seu atrevido que só sabe resmungar, se abrir de novo o bico, vai virar meu jantar.

Acreditam que o insensato do pato ainda continuou a xingar! De repente, nem viu, em uma bocada ficou preso entre os enormes dentes.

Pela primeira vez na vida o pato, apavorado, fez um pedido bem educado:

- Senhor Tonhão, por favor, tenha piedade, não me mate, nem sou sabo-

roso para comer, assim cheio de penas por toda parte. Sofro tanto por viver na solidão, só reclamo porque, no fundo, quero chamar a atenção.

O cão, apesar de bravo, era bondoso, resolveu soltá-lo e aconselhou:

- Escute bem, ninguém gosta de quem está sempre reclamando, aprenda a agradecer por **tudo**, a ser gentil, saiba sorrir e a sua solidão não vai mais existir.

Acreditam que foi isso mesmo que aconteceu, Reclamato mudou seu comportamento, passou a procurar algo de bom em todas as coisas que aconteciam, a ser atencioso e agradecido, assim começou a sentir uma grande felicidade e conquistou muitos amigos.

Só reclama o Reclamato

Nheco-nheco treco-**treco**

Não queria ser um pato

Preferia ser -----

Quando é cumprimentado

Responde para quem **passa**

Com jeito mal-humorado

Este dia é sem -----

A comida desagrada

Está sempre sem **tempero**

Com calor ou chuvarada

Nunca tem tempo -----

Silêncio é enjoado

O barulho **atrapalha**

À toa fica cansado

E cansado não -----

Tendo tanto resmungado

Sabendo não ter **socorro**



Viu seu fim já ter chegado

Lá na boca do -----

Foi assim que o nosso pato

Deixou de ser **carrancudo**

Bem melhor que ser um chato

É agradecer por ----

Respostas: (marreco), (graça), (maneiro), (trabalha), (cachorro), (tudo)



BAGUNÇA

Lá na casa do senhor Alaor acontecia sempre a mesma coisa. Bem cedo, ele tocava o despertador, ele escutava, mas, sua esposa que tinha um sono muito pesado, nunca acordava, por isso ele a sacudia e dizia: “Acorda, Maria, que já começou o dia!”. Dona Maria então se levantava e, antes de ir fazer o café, batia na porta do quarto da filha e já chamava: “Pula da cama Laura, está na hora de ir para a aula!”.

Certo dia, o senhor Alaor estava tão cansado, que não escutou o despertador, acordou tarde e, assim, atrasou para sacudir a dona Maria, que atrasou para chamar a filha. Começou uma baita correria, o pai zanzando para lá e para cá, enquanto escovava os dentes, perguntou com a voz embolada: “Onde está a chave do carro que não acho?”.

Laura, que tomava seu leite e, ao mesmo tempo, calçava os sapatos, avisou que, na noite anterior, buscou um caderno que esquecera no carro e, depois, levou a chave para o seu quarto. Foi depressa pegá-la.

Daí a pouco a menina grita: “Pai, vem me ajudar a procurar!”.

Foi o pai e foi a filha e nada de alguém voltar. A mãe, na maior aflição porque tinha hora marcada no salão, corre também para o quarto e, ao entrar, quase tem um enfarto! Que lugar mais bagunçado, era troço pra todo lado, nem tinha onde pisar com tudo tão espalhado!

Ai, ai, ai, geme o senhor Alaor, quando ele levanta uma coisa, outra cai. Procura na mesa do computador e sente um cheiro horrível, só encontra meias sujas na sua **gaveta**. Corre para olhar atrás da porta e a mão prega em um chiclete agarrado na maçaneta. Pensa no seu chefe, esperando-o no trabalho e faz uma enorme careta.

Laura vai tropeçando nos brinquedos pelo chão, olha atrás do criado e, de repente grita: Achei... a capa do meu violão!

Quanto livro havia debaixo da cadeira e quanto copo sobre a prateleira! Dona Maria vasculha o armário, parece um filme de terror, em meio às revistinhas amassadas e palitos de picolé, encontrou a dentadura perdida do vovô, enrolada num **maiô**. Nenhuma roupa pendurada, todas caídas e bem amontoadas. Olhou para o relógio e percebeu, em desespero, que havia perdido o horário no cabeleireiro.

A menina se lembrou de verificar na mochila e pulou sobre a cama para alcançá-la, fazendo cair dali uma casca de **banana**, que escondia a tão, tão procurada chave.



Bem feliz ela gritou: “A chave está aqui, já podemos ir!”.

Os pais, desanimados, responderam ao mesmo tempo: “Agora é tarde, Laura, você também já perdeu a hora da **escola!**”.

Neste instante, chegou a faxineira para arrumar o quarto, como todos os dias fazia. A mãe não deixou e determinou:

- De hoje em diante é você quem vai fazer isso, minha filha, é o que convém para o seu próprio bem!

Laura demorou horas nesta tarefa. Quando acabou estava exausta, esticou-se na cama e percebeu a trabalhadeira que ela dava para a arrumadeira. Observou seu quarto todo organizado, parecia que flutuava, tudo estava tão leve! Agora, poderia logo encontrar o que precisasse. Só faltava fazer uma coisa! Foi andando com calma, mas, decidida, até o espelho, ficou alguns instantes olhando para ele e deixou que saísse de lá, uma nova Laura.

Mas que quarto bagunçado

Tem coisa pra todo lado

Chiclete na **maçaneta**

Meia suja na -----

Os brinquedos pelo chão

Capa sem seu violão

Dentadura do **vovô**

Enrolada num ----

Livro sob a cadeira

Copo lá na prateleira

E jogada sobre a **cama**

Uma casca de -----

Bom é ser organizado
Tudo logo é achado
E não se perde a **hora**
Do trabalho e da -----

Respostas: (gaveta), (maiô), (banana), (escola)





FORMIGUEIRO EM PERIGO

A formiga Cida trabalhava bastante para ajudar a alimentar o formigueiro, por isso saía todos os dias com suas muitas irmãs, muitas mesmo, carregando as folhas que necessitavam. Assim prosseguia a sua vida, até que uma coisa estranha ocorreu. Acordou, no meio da noite, parecia que as estrelas a chamavam e, olhando para elas, sentiu uma vontade irresistível de ir para o céu, quando percebeu, já estava... flutuando.

Que coisa inacreditável! Era tão maravilhoso deslizar pelo ar com tanta facilidade, que teve vontade de ficar ali para sempre, desfrutando daquela alegria, mas, não entendendo como aquilo acontecia e, ainda assustada, voltou depressa para casa.

Foi difícil dormir novamente com seus pensamentos, ela era uma formiga operária e não poderia voar simplesmente, porque não possuía asas! Isso era anormal, o que diriam dela? Que era imperfeita, uma aberração, poderia até ser expulsa da família! Não suportaria esta situação e decidiu guardar o acontecimento em segredo para sempre.

No dia seguinte continuou seu trabalho como de costume, no entanto, precisou fazer força para não sair do chão, só queria voar e **voar**. Sua cabeceira até rodava e não suportando mais, assim que entregou suas folhas, afastou-se dali e escondidinha foi para o céu. Que espetáculo, do alto podia ver tudo o que ainda não **conhecia**!

A floresta era enorme como nunca imaginou, um mundo verde com flores aqui e ali, e o rio dançava por entre as árvores, fazendo curvas que não tinham mais **fim**.

Descobriu o aconchego dos ninhos de tantos pássaros e, em um deles, a mãe gritava bem te ^{vi}, para um macaquinho que, dando ^{cambohotas} nos galhos, quase morria de tanto **rir**.

Lá estava seu querido formigueiro, ^{chegando e saindo dele} as irmãs formavam uma longa fila indiana, ou seja, uma atrás da outra, seguindo certinho o caminho para onde se vem e se **vai**.

De repente, avistou algo terrível! Um tamanduá, que vocês sabem ^{né}, adora comer formigas, caminhava exatamente na direção do ^{formigueiro}. E, agora, o que fazer? ^{se avisasse} sobre o perigo descobrir^{iam} que ela voava. Precisava decidir depressa e concluiu que não poderia se salvar e ficar ali observando toda sua família ser devorada.

Assim, com a máxima velocidade, pousou diante das formigas sentinelas e contou sobre o risco que corriam. Elas ficaram paralisadas, com os olhos

História Contada Poesia Criada

arregalados e as antenas caídas, vendo a irmã descer do céu. Cida, então, gritou: “Rápido, ajam logo, ele está se aproximando!” O alarme foi dado e, em instantes, organizadas como eram, as formigas retiraram a rainha, seus filhotes, e se refugiaram em um esconderijo na floresta, na hora exata em que o enorme tamanduá chegou. Forte e com garras poderosas, não encontrando o que comer, ele destruiu o formigueiro com muita raiva.

Depois que o predador foi embora, as sentinelas levaram Cida à presença da rainha, que lhe exigiu uma explicação de como conseguia voar. Envergonhada diante de tantos olhares e já prevendo seu castigo, respondeu que também não entendia, nada tinha feito para isso acontecer, só sabia que era algo maior do que a sua vontade.

A rainha, que era severa, mas, sempre refletia bastante antes de ditar suas sentenças, enfim disse, que apesar dessa capacidade de voar ser muito estranha, mesmo incompreensível, estava provado que não era ruim, pois com ela acabara de salvar todas as formigas. Decretou que, pela sua boa ação, Cida poderia ficar em paz junto à família e lhe deu, em agradecimento, a medalha honrosa de heroína maior e a importante função de chefe das sentinelas.

Agora ela podia ir para o céu todos os dias sem se esconder e, patrulhando livre pelo ar, proporcionou mais segurança para o formigueiro. Foi assim que Cida, querendo o bem de todos, sentiu-se querida e muito feliz da **vida!**

A formiguinha

Não quer **andar**

Mesmo sem asas

Só quer ----

Viu lá do alto

Com **alegria**

Tudo que ainda

Não -----

Pela floresta

Um rio **assim**

Fazendo curvas

Que não tem ---



O lindo ninho
De **bem-te-vi**
E macaquinho
Que tanto --

Do formigueiro
A fila **sai**
É indiana
Prá onde ---

Tão bom ser livre
E bem **querida**
Sair voando
Feliz da ----

Respostas: (voar), (conhecia), (fim), (ri), (vai), (vida)



ARTE DE CRIANÇA

“Prepare-se para virar comida de tubarão seu rato de convés!”

O Capitão Gancho, furioso, veio deslizando pela corda do navio. Peter Pan não teve dúvidas, pegou sua faca e cortou a corda, fazendo o malvado pirata desmoronar no mar. Neste momento, escutou os passos do imediato Smee aproximando-se. Escondeu-se rapidamente, o perigo era grande. Smee gritou: “Não é possível, o varal arrebentou, toda roupa que lavei está no chão!” André, que segundos atrás era o Peter Pan, encolhido em seu esconderijo, guardou a tesoura, porque se sua mãe descobrisse que ele tinha acabado de cortar o varal, ficaria um bom tempo de castigo.

Assim era André, vivia as cenas que imaginava durante todo o dia. Os saltos do Hulk arrebentavam as molas do colchão, as tampas das panelas viravam seus escudos e os cintos do pai, chicotes, deixando o pobre homem com as calças caindo. Objetos voadores passavam de repente raspando no nariz de alguém, chicletes grudavam nos cabelos de quem não percebia as poderosas teias do homem aranha, espalhadas por todos os lugares. Espuma de barbear, óculos escuros, bonés, lanternas, durex e uma infinidade de coisas experimentavam naquela casa o fenômeno da invisibilidade, ou seja, desapareciam.

Seus pais se esforçavam para ensinar-lhe que tudo tinha um limite e ele já havia recebido, como no futebol, um cartão amarelo de advertência, por não controlar o que a sua imaginação mandava fazer. O menino achava que os pais não o entendiam, ele era um herói cumprindo sua missão, mas desta vez não se sentiu bem em ver a mãe lavando a roupa toda novamente. Por isso, fez bastante força e conseguiu passar o resto do dia executando apenas pequenas aventuras, na sua identidade secreta como André

No entanto, na manhã seguinte, suas ideias fervilharam novamente, quando achou um cabo de vassoura no terreiro, e que logo se transformou num enorme cavalo branco. Enfiou no cano da sua bota a mais poderosa arma, o estilingue. Amarrou o saco de munição na sela e saltou sobre seu cavalo, que é bravo e, ao puxar a rédea dá pinote e **empina**. Tocou-lhe as esporas e saiu galopando velozmente em volta do castelo. Ele cavalga melhor que muita gente, é guerreiro que nunca desiste, que jamais foge de uma luta, é forte e valente. Passando em disparada, arrancou a espada que estava fincada na rocha e foi para a lua enfrentar o **dragão**.

A rocha, na verdade, era um grande vaso com uma planta que se chama Espada de São **Jorge**. Ao puxar a planta o vaso tombou, espatifando-se no chão, os cacos voaram quebrando a Branca de Neve e os sete anões que enfei-



tavam o jardim e, para piorar, outros foram bater nas pernas de seu pai, que chegava em casa naquela hora. Nervoso com tanta confusão e sentindo uma baita dor nas canelas, o pai lhe mostrou um cartão vermelho, que equivalia ao maior castigo, o exílio.

Nada impediu que André fosse levado pelo capitão da Enterprise e ser teletransportado para o planeta quarto, de onde foram retirados computador, jogos e videogame, ficando sem a permissão para de lá sair. O garoto teve um bom tempo para refletir, passou um WhatsApp para a liga da justiça, que acabou considerando o seu castigo justo. Ele já havia aprendido que não se deve arrancar as plantas e estava triste demais por ter ferido o seu pai.

Enfim, o menino chegou a uma conclusão: divertir-se e fazer tudo o que queria era muito bom, mas, perdia a graça, quando prejudicava os outros. Arrependido, pediu desculpas aos pais, até agradeceu pelo castigo, porque ele tinha que ser responsável também em suas brincadeiras. É isso aí, André! Yes!

Coloca o estilingue

No cano da **botina**

Cavalo de vassoura

Dá pinote e -----

Galopa que galopa

Tem coragem, não **foge**

Arranca sua espada

Da planta de São -----

Aceita o desafio

Da difícil **missão**

E logo vai pra lua

Enfrentar o -----



Respostas: (empina), (Jorge), (dragão)

UM CÃO CORAJOSO

O cachorrinho Duque nasceu cego, mas, não vivia triste por causa disto. Nada deixava de fazer por não enxergar, tinha um superfaro e uma ótima audição. Conseguia cheirar um ossinho lá na casa do vizinho, de longe escutava morcegos voando numa caverna e formigas conversando debaixo da **terra**. Assim, com coragem enfrentava todas as dificuldades.

Aconteceu dos cachorros da rua convocarem uma importante reunião. Decidiram ir em busca do famoso tesouro do lobo uivante, escondido há séculos na montanha das tempestades. Muitos tentaram achá-lo, mas, desistiram, voltavam apavorados porque o falecido lobo uivante de repente aparecia, monstruoso e ameaçador!

A solução era juntar forças e enfrentá-lo em grupo, valia a pena o risco, pois o tesouro era um enorme baú lotado com ossinhos de borracha, bolinhas pula-pula e, principalmente, com os mais raros e deliciosos biscoitos sabor de churrasco, só encontrados na distante cidade de Caninolândia.

No dia seguinte se encontraram no caminho para a montanha levando uma mochila com água, comida, lanterna, repelente para pulgas e o mais importante, spray de pimenta, a arma principal para afastar o lobo. Duque também compareceu, por nada perderia esta aventura, mas, eles o impediram. Disseram que não ficariam tomando conta de um cachorro cego, ele poderia cair em locais perigosos e ainda atrasá-los! O cãozinho pediu, implorou, mas, não adiantou.

Duque ficou muito triste, porque isso sempre lhe acontecia, deitou na grama enquanto todos se afastavam com o maior entusiasmo. Queria tanto ir, ele não era um inválido, sabia se cuidar, conseguia até diferenciar um barbeiro de um **percevejo** e, pensando assim, ficou por ali um bom tempo, chorando. De repente, sentiu no vento um cheirinho de pimenta, foi farejando e encontrou a mochila dos amigos. Que desastre, se esqueceram dela, agora estavam desprotegidos! Imediatamente a colocou nas costas e, com seu super faro, seguiu o rastro deles. Iria salvá-los!

A turma dos cachorrinhos já estava bem no alto da montanha das tempestades, quando pesadas nuvens tamparam o céu, escurecendo tudo. Ao procurarem a lanterna, apavorados, deram por falta da mochila. Foi então que um vento fortíssimo começou a assoviar e, em meio a relâmpagos e trovões, apareceu o enorme vulto do lobo, batendo com força suas patas no chão. Tremendo de medo se esconderam em uma caverna. Estavam perdidos! Não tinham como sair dali, morreriam de sede, de fome ou estraçalhados por aquele monstro.



Neste momento, escutaram os latidos de Duque, ficaram impressionados como conseguiu chegar até ali sozinho enquanto se perguntavam: E agora? Ele não pode ver o lobo, será devorado!

Paralisados com tanto horror, perderam até a voz! Duque, sem nada saber, parou bem em frente ao monstro, levantou a perninha e se aliviou, sabem né, estava apertado! Depois, continuou andando tranquilamente até a caverna.

Os amigos com os pelos em pé, perguntaram como ele teve coragem de fazer pipi no lobo. Que lobo? Nada dele ouvi e senti apenas o cheiro da árvore **Chorona**, respondeu o cãozinho. Todos ficaram envergonhados, o monstro não existia, tiveram tanto medo das sombras de uma árvore, com sua comprida folhagem, sendo balançada pelo vento. Pediram desculpas, porque não conseguiram avisá-lo do perigo. Duque achou muito bom por nada terem dito, do contrário ficaria com um medo que, na verdade, era deles, e isso não deve acontecer.

Enquanto foram comer o lanche que estava na mochila, Duque empinou o focinho, foi penetrando pela caverna, farejando e farejando, vira daqui, vira acolá, desce dali e sobe de lá, e gritou com todo entusiasmo: Encontrei! Eu **encontrei** o tesouro!

Quando voltaram fizeram uma festa, Duque foi premiado com grande parte dos estupendos biscoitos sabor de churrasco e recebeu o título de cão valente e fiel amigo. Porém, o que o deixou ainda mais alegre, foi conseguir ser aceito em todas as atividades que os companheiros combinavam. Isso, sim, era a maior felicidade que poderia desejar!

Que seja um pio
Ou um assovio
O ouvido não **erra**
Escuto as formigas
Debaixo da ----

O que eu procuro
Mesmo no escuro
Farejo e **farejo**
Digo se é barbeiro
Ou se é -----

Que lobo que nada
Ficou assustada
A turma **fujona**
Tremendo com medo
De uma -----

Virando daqui
Subindo dali
Até que **avisei**
O nosso tesouro
Eu já -----

Respostas: (terra), (percevejo), (Chorona), (encontrei)





MUNDO GRANDE

Aos domingos, sempre ia com meu irmão e meus primos visitar nossa avó. Era papai quem nos levava e de mãos dadas comigo, por ser eu a menorzinha de todos. Mas papai era um homem alto, tinha umas pernas compridas e, para cada passo dele, eu precisava dar dois, para acompanhá-lo. Assim chegávamos lá, com ele me puxando e dizendo carinhosamente: “anda menina, anda, se não desanda, e não se chega para onde vai!”.

Havia uma escada na entrada da casa da vovó, com degraus enormes, eles eram da altura da minha **perna**! Para subir eu apoiava as mãos, depois colocava um pé e, por fim, puxava o outro. Era assim mesmo que eu subia aquela escada, com os pés e com as mãos.

A primeira coisa que fazíamos era avançar no pote de balas, mas, vovó o escondeu, porque papai reclamou que tanto doce estragava nossos dentes. Chateados fizemos uma arte, fomos escondidinhos procurar e encontramos o pote lá no alto da **estante**. Meu irmão, que era o maior de todos, subiu em um banco e deu um grande **salto**... mas, não alcançou. Tivemos mesmo que nos conformar com a hora certa de comer as balas.

Íamos então brincar no terreiro, mas, passávamos por um caminho “secreto”, que começava no jardim em frente da casa, um jardim tão grande como um **campo**. Nosso desafio era atravessar a barreira das roseiras. Quem se deixasse arranhar por um espinho ou rasgar a roupa, já perdia ponto, por isto nos arrastávamos entre elas como umas minhiquinhas. Depois era só passar pela trincheira das margaridas e bater continência para o sargento girassol. Isso porque o girassol era como um soldado, nos vigiando na chegada e se virando para nos olhar também na saída.

No final do jardim ficava a cerca que tinha uma fresta e por ela passávamos para alcançar o grande quintal. Ali cada menino pegava um caixote de madeira, que vinha com frutas para fazer doces, pulava dentro levando todas as tralhas que encontrasse e ele virava uma casa. Às vezes fazíamos uma cidade inteira de caixotes, com escola, padaria, armazém...

Apesar de ser a menor de todas as crianças, eu era a campeã do pegador de esconder. Entrava no guarda-roupa e jogava para cima de mim cobertores, lençóis, travesseiros. Sentia-me como se estivesse em uma caverna! Os meninos até procuravam lá, mas, nunca me achavam debaixo daquilo tudo. No final da tarde vovó nos preparava um lanche delicioso, mas, como eu não alcançava o tampo da mesa, ela colocava almofadas em minha cadeira e, aí sim, podia me servir à vontade.

Depois que fiquei adulta aconteceu algo estranho! Observava aquele jar-

História Contada Poesia Criada

dim da casa da vovó e me espantava, pois era apenas um pedacinho de gramado com alguns pés de roseiras e poucas plantas. Como eu podia achá-lo tão grande como um vasto campo? E os pequenos caixotes de madeira que, antes, eram enormes como uma casa! Será que quando a pessoa **cresce** as coisas encolhem?

Pensando bem, talvez seja, porque a criança sabe olhar com alegria para tudo o que está à sua volta, enquanto o adulto, que já se esqueceu de como se faz isto, insiste em só olhar para **baixo**.

Quando você é criança

Tudo parece **gigante**

A mãozinha não alcança

Lá no alto da -----

O pote é bem escondido

Naquele lugar mais **alto**

Mesmo no banco subido

Não apanha com um -----

É num jardim pequenino

Onde brinca com **encanto**

Mas, para qualquer menino,

Parece um vasto -----

Girassol vira soldado

Guarda-roupa é **caverna**

E o degrau escalado

É da altura da -----



Não consigo entender
Como isso **acontece**
Tudo vem a encolher
Quando a pessoa -----?

A criança me ensina
A resposta que não **acho**
Ela olha para cima
E o adulto só pra -----

Respostas: (estante), (salto), (campo), (perna), (cresce), (baixo)



LIN

A LINGUAGEM DOS PÁSSAROS

A seca era grande, com o frio do longo inverno os insetos se escondiam e quase nada nascia nas plantações. Para muitos animais, ficava difícil achar algum alimento.

Ele já tinha procurado por um bom almoço durante toda a manhã, mas só encontrara umas sementinhas de alpiste, que nem deu para sentir o gosto. Agora a fome iria acabar porque lá estava a melhor refeição que poderia desejar, rechonchuda, apetitosa e distraída! Já está no papo pensou o Pardal, calculou bem a distância, a direção do vento e pôs toda velocidade num voo rasante para um ataque certeiro. Quando já ia pegá-la, “TAPLOFF”... deu uma trombada com a dona Rolinha que também vinha acelerada, querendo capturar a mesma minhoca.

Coitada da minhoca, entre eles tremia de tanto susto e medo naquela terrível situação. Os dois pássaros espatifados no chão, assim que entenderam o que aconteceu, começaram a maior discussão. Nervoso o Pardal gritou:

- Esta minhoca é minha, sou mais ligeiro e vi primeiro dona **Rolinha**. Tenha respeito e dê seu jeito, vá procurar outra coisa para comer!

- Pois deixe de ser arrogante senhor **Pardal**, saiba que tenho direito igual. Será que ainda não percebeu que chegamos aqui no mesmo instante? E ainda fala como se tivesse alimento sobrando por aí!

- A senhora pode é desistir, já está muito gordinha e não deixarei que tenha este gosto, não adianta insistir, não adianta nem piar. É meu almoço e eu é que vou **saborear**!

- Ah é? Pois o senhor nem pense que pode enfrentar esta gordinha aqui! Este almoço você não come mesmo, não come! Vou é levar para o meu filhote que está com **fome**.

- Vê se não me provoca dona Rolinha...

De repente o Pardal olhou espantado para todos os lados e surpreso perguntou:

- Uai! Onde está a **minhoca**?

A minhoca que não era nada boba aproveitou todo aquele sururu e saiu de fininho, fugiu pelo buraco do tatu!

Achou ótimo aqueles dois pássaros serem tão egoístas, que nem souberam dividir o que já tinham conseguido. Perderam tudo e quem ganhou com



isto foi ela, que lá do fundo da terra, com a maior tranquilidade, gritou para eles: “flau-**flau**”!

O que significa isso vou explicar para vocês. Cada bichinho tem sua maneira de comunicar, mas acho que mesmo assim todos se entendem e na linguagem dos pássaros, que a nossa amiguinha minhoca compreendia muito bem, quer dizer... tchau-tchau!

Plim plei plof tirurinha

Esta minhoca é **minha**

Eu que vi dona -----

Plim plei plof tirurau

Tenho direito **igual**

Também vi senhor -----

Plim plei plaf tirurá

Nem piando vou te **dar**

Eu que vou -----

Tirutone tirutone

Você não come, não **come**

Meu filhote está com ----

Tirutoca tirutoca

A senhora me **provoca**

Mas onde está a ----- ?

Flau- ---- !

Respostas: (Rolinha), (Pardal), (saborear), (fome), (minhoca), (flau)





UMA SIMPLES PIPOCA!

O parque da cidade com tantos brinquedos, árvores e flores de todas as cores, era um lugar lindo e preferido pelas crianças para um passeio. Muitas pessoas trabalhavam lá para garantir o seu bom funcionamento, mas, entre todas, era difícil encontrar alguém como dona Marocas, a melhor e mais querida vendedora de pipocas.

Coisas bem interessantes aconteciam com ela. Quando estava séria, dava a impressão de estar alegre, quando estava preocupada era a mesma coisa e se estivesse triste dificilmente alguém saberia. Acreditam que o seu rosto, mesmo sem rir, sempre parecia feliz!

Bem cedinho, quando chegava lá no parque, a primeira coisa que fazia era varrer o lugar onde ficava seu carrinho de pipocas. Varria cantando, animada como se estivesse num show de talentos. Depois de juntar um monte de folhas secas, ficava um tempão admirando-as, só porque achava lindo o formato de cada uma!

Pintava o seu carrinho constantemente com diversas figuras, às vezes, eram os mais encantadores bichinhos e flores, outras vezes, com tudo o que havia pelo céu como o arco-íris, estrelas, nuvens e cometas. Depois o céu dava lugar para o que existia no mar e nem a sereia podia faltar. Até a lata de lixo ganhava seu colorido e os dizeres: “Não me deixem de boca vazia!”.

As crianças sempre perguntavam qual pintura faria depois, mas, dona Marocas pedia: “Tenham paciência, talvez seja aquilo que vocês estejam imaginando!”. Mesmo assim algumas crianças arriscavam um palpite: “Será uma nave espacial, porque quero ser um astronauta!”. Então ela respondia uma das coisas mais necessárias para a gente aprender: “Espetacular, meu querido, mas, não se esqueça, é bom ter uma profissão, porém, o que mais importa é que você tenha bons sentimentos!”.

Interessante também era o cheiro da sua pipoca, tinha um aroma a mais, às vezes de chocolate, de baunilha ou caramelo, graças a umas pitadinhas de essência, que colocava na panela. Ela ficava contente com isto e dizia: “Ah, que delícia!”. Depois distribuía a primeira estourada de pipocas, para que todos os meninos pudessem experimentar aquela gostosura.

Quem conhecia dona Marocas não tinha mais vontade de sair de perto dela. Certa vez lhe perguntei como conseguia estar sempre satisfeita. Ela disse que fica bem, quem faz o bem, com sinceridade, e gosta das coisas mais simples.

Colocou um saquinho de pipocas em minha mão e afirmou, sei que nin-

História Contada Poesia Criada

guém fica triste, por exemplo, comendo uma boa pipoca. Foi então que me contou a sua receita especial para fazê-la e que agora, conto para vocês também:

- Pegue uma grande **panela**, coloque nela meio copo de milho e uma boa colherada de manteiga. Leve ao fogo, mas, chame um adulto, lembre-se com fogo é preciso ter cautela.

- Então, mexa e remexa, com bastante remelexo, isso acaba com os piruás e assim não se quebra o **queixo**.

- Atenção, é bom deixar a panela bem **tampada**, enquanto o milho vai estourando e fazendo uma boa batucada. Neste momento é preciso cantar assim, com entusiasmo: “Arrebenta pipoca, Maria sororoca, arrebenta pipoca, Maria **sororoca**!”. Isto é essencial para dar certo!.

- No final coloque o sal, mas, para não fazer mal, use só um pouco.

Dona Marocas ainda me explicou que, para os adultos, a pipoca também tem o gosto da lembrança tão boa, do tempo de **criança**. Isto com certeza, a qualquer hora do dia, traz para o coração uma simples **alegria**!

Então... vai uma pipoquinha aí?

Arrebenta a **pipoca**

Maria -----

No fogo com **cautela**

Põe milho na -----

Mexe com **remelexo**

Prá não quebrar o -----

Vai fazer **batucada**

É bom deixar -----



Tem gosto de **lembrança**

Do tempo de -----

De noite ou de **dia**

É simples -----

Arrebenta **pipoca**

Maria -----

Respostas: (sororoca), (panela), (queixo), (tampada), (criança), (alegria), (sororoca)



TUDO ESTÁ CERTO, CENTOPEIA!

“Vejam como sou veloz!” Foi o que disse Andrea, a centopeia, conseguindo pegar uma ameixa que caía da árvore, antes que tocasse no chão. As suas amigas abelhinhas concordaram, enquanto lá no alto zuniam, em volta da **colmeia**. Tendo tantas pernas para correr, ela podia até alcançar a noite, antes que terminasse o dia!

A centopeia trabalhava como transporte especial. Ia de toca em toca, colocando os filhotinhos sobre seu longo corpo e, num instante, levava os pequenos para a escola. Exercia, também, a função de entregadora de jornal, coisa que fazia depressa como ninguém. Além de ser vegetariana por opção e muito simpática, dançava de forma admirável. Habilidosa em seus movimentos dava um show no salão, tinha a capacidade de fazer um sapateado com metade das pernas e sambar com a outra metade, ao mesmo tempo. Não perdia um forró e entendia tudo de frevo, bolero e **baião**.

Andrea vivia bem feliz com suas inúmeras pernas, apesar de ter um gasto exagerado com os sapatos. Comprava mais de cinquenta pares por mês e ficava chateada quando não encontrava todos **iguais**, de uma só vez. Era muito vaidosa, imagine que coisa horrorosa ter que usar sapatos de cores diferentes ou apenas alguns, com salto alto, não dava, isso a desequilibrava.

Num domingo enquanto passeava, encontrou dona minhoca, arrastando-se pela beira do caminho. Andrea, vendo a dificuldade da amiga em se locomover, ficou com dó e disse que achava injusto ela não ter pernas para **andar**. Dona minhoca nada reclamou, apenas a convidou para ir até a sua casa, comer um lanchinho e conversarem sobre o assunto. Assim foi penetrando pelo solo, passando com facilidade por estreitos túneis entre as pedras e raízes. A centopeia começou a escavar, tentando segui-la, mas, não avançava, as perninhas batiam dolorosamente e ficavam presas entre as pedras. Seu corpo entortou, deu um nó, se enroscou.

Dona minhoca voltou à superfície e dando um carinhoso sorriso, explicou para a amiga que ter pernas só lhe atrapalhariam a movimentar-se sob a terra. Que se podia achar esquisita a tromba do elefante, o enorme pescoço da girafa, a barba do bode ou um porco ter **espinhos**, mas, tudo foi criado com sabedoria e cada um tem o que realmente **necessita**.

Andrea entendeu e concordou, agradeceu muito à amiga porque agora até sentia um alívio no coração. Rapidamente foi até a famosa Lanchonete Clorofila e trouxe um delicioso suco de morangos para se refrescarem, enquanto, juntas, faziam um lindo self, felizes, assim como eram.



Mostro que sei correr

Pois nasci **centopeia**

As abelhas vão ver

Lá da sua

Exigência que faço

Vaidosa **demais**

É que os meus sapatos

Sejam todos

Danço como bem quero

Dou um show no **salão**

De samba e bolero

E também de ----

Vejo dona minhoca

Vindo tão **devagar**

Ela não se importa

Com pernas para -----

Foca usa bigode

Bem grande no **focinho**

Tem barbicha no bode

E porco com -----

Mas tudo é perfeito

Nesta vida **bonita**

Cada um do seu jeito

Tem o que

Respostas: (colmeia), (iguais), (baião), (andar), (espinho), (necessita)





MENINO DOCE

Quando Vicente nasceu, devia ter-se chamado Algodão, ou Doce. Acreditam que ele só comia algodão doce em toda refeição, não trocava nem por sorvete ou pipoca, que toda criança gosta, não aceitava qualquer outra alimentação.

Vicente era mesmo diferente, nunca teve dentes nem cabelo, era muito branquinho, todo redondinho. Andava com um pé olhando para cá e outro para lá. Entendia o que escutava, mas, para falar, quase nada conseguia. Impressionava ver quanto respeitava e era amável com tudo, com a natureza, com as pessoas. Uma criança gentil como antes nunca se viu!

Ele achava que as nuvens eram iguais ao algodão doce e seu maior desejo era que chovessem palitos, para deles brotar pelo chão o seu doce **favorito**. Que maravilha! Ninguém precisaria mais comprar, apenas colher e comer até se fartar. Nasceria tanto que sobraria para fazer outras coisas, coisas que seriam um verdadeiro **encanto**.

Foi então que Vicente teve uma grande ideia. Correu até a loja Topa Tudo e trocou sua coleção de revistinhas por uma máquina de fazer algodão doce, mesmo já sendo um pouco mais velha. Começou a fazer objetos bem legais com o algodão doce, do tipo que se podia usar e depois comer, se viesse a **fome**.

Tendo muita destreza, facilmente teceu para cobrir a careca do vovô Juca uma peruca, que ficou uma beleza. Para aquecer os pés da vovó Ritinha fez uma pantufa, quentinha como uma **estufa**.

Já sabia o que o papai Henrique mais queria, uma cartola muito chique. Fez para o irmão Luiz o que lhe fazia mais feliz, uma grande bola. Para a querida mamãe Rosa, que era muito vaidosa, um lindo broche e para a divertida irmã Aparecida, um engraçado **fantoche**. Todos gostaram muito da novidade, só mesmo a bondade daquele menino poderia trazer tanta felicidade!

Depois disto Vicente pegou sua máquina e foi em várias casas oferecendo para realizar desejos doces, mas, algumas pessoas nem lhe abriam a porta, achavam que ele era tão esquisito, tão diferente. Que pena! Perderam a oportunidade de receber um carinho no coração. Ainda bem que Vicente não se desanimava com isso, ele só sabia amar e continuou levando a maior alegria, para quem o recebia.

Saboroso algodão doce
Se uma nuvem você fosse
Do céu choveria **palito**

Com o meu doce -----

Comprar não seria preciso
Doce de graça no aviso
E depois de comer um **tanto**
Faria coisas com -----

Para o vovô uma peruca
Bem comprida até a nuca
Para a vovó uma **pantufa**
Quente como uma -----

Para o papai uma cartola
O seu irmão prefere a bola
A mamãe gosta de um **broche**
E para irmã um -----

Com carinho e habilidade
Atenderia as vontades
Coisas que se usa e **come**
Sempre que viesse a ----



Respostas: (favorito), (encanto), (estufa), (fantoche), (fome)



TITILO, O CONSTRUTOR

Titilo era ainda um pequeno João-de-Barro e, em breve, teria que apresentar ao Conselho das Aves uma casa construída por ele mesmo. Este era um teste exigido a todos os jovens pássaros da sua espécie.

Quando as chuvas chegaram o barro **amoleceu** e ficou no ponto certo para ser moldado. Titilo batia asas sem parar, voava para todos os lados juntando a ele palhas e gravetos para fazer a sua **casa**. Depois de pronta ficou por um tempo admirando seu trabalho, mas, chegou à conclusão de que ainda não estava bom. Achou que poderia ser maior e ter uma varanda cercadinha com **cipó**, para ali escutar a gostosa cantoria dos grilos e sapos ao cair da noite. Estava decidido, iria fazer outra casa, porque queria muito ganhar o prêmio dado ao melhor **construtor**, uma caixa com barro colorido, coisa rara e que ele sonhava em ter.

No dia da apresentação, quando as duas moradias estavam prontas, seu amiguinho Gino lhe disse muito triste, que não conseguira fazer sua construção, porque a mãe estava doente e precisou cuidar dela. Pediu, então, que o ajudasse, dando-lhe uma das casas. Titilo ficou comovido com a situação, o colega realmente estaria em uma enorme enrascada, se não cumprisse a tarefa e deixou que ficasse com a primeira delas.

Logo o grande mestre Barroso avaliou todas as moradias e comunicou sua decisão, a construção melhor e vencedora, era a de... Gino! Titilo assistia a tudo sem nada poder falar ou seria também punido por ceder seu trabalho. Viu com lágrimas nos olhos o amigo pulando de alegria ser aplaudido, abraçado, recebendo as maiores honras e partir levando o prêmio com que tanto sonhara.

O tempo passou e os jovens pássaros tornaram-se adultos, agora iriam formar suas famílias. Titilo, talentoso como era, com sua linda companheira fez uma casa maravilhosa, bem moderna, com dois andares e um aquecedor solar para a água do banho. Foi quando reencontrou com o antigo amigo. Gino estava arrasado, encolhido num galho de árvore lamentava porque não sabia construir e, por isso, sua adorada noiva queria abandoná-lo. Então, novamente lhe pediu ajuda, que fizesse uma casa para ele.

Titilo lembrou-se do quanto sofrera no passado e agora percebia que, tentando auxiliar o colega, acabou por prejudicá-lo também. Não ter aprendido o necessário, provocou esta horrível situação, nenhuma companheira lhe aceitaria. Compreendeu que amigo de verdade, não é o que faz a obrigação do outro. Então, respondeu para Gino que, o ajudaria, mas, da maneira certa, ensinando a construir.



Gino se esforçou bastante e conseguiu fazer a sua própria moradia. Recuperou a admiração da querida noiva e agradecendo a Titilo por sua amizade, deu-lhe de presente uma preciosa caixa de barro colorido, que, há tanto tempo, estava abandonada.

Com uma chuva boa

O dia **amanheceu**

Na água que escoou

O barro -----

O que vento espalha

Pega batendo **asas**

São gravetos e palhas

Pra fazer sua ----

Sapo numa ciranda

Canta em tom de dó

Pra ouvir da varanda

Cercada de ----

Nosso João-de-Barro

Nasceu **trabalhador**

Tem o talento raro

De ser bom -----

Respostas: (amoleceu), (casa), (cipó), (construtor)



PRIMEIRO EU

O pai chamava Carlos para ajudar a lavar o carro, porque naquela esfregação já lhe doía o braço, já lhe doía a **mão**. O garoto tranquilamente deitado sem nada fazer, assim como se diz, “de pernas para o ar” ou “por conta do à toa”, escutou o chamado, mas, lá na cama ficou, fingiu que nada **ouviu**. Depois, resolveu comer um bom lanche, o seu cachorrinho Toró veio pulando e latindo por um biscoitinho, acreditam que ele chutou o **bichinho**! Em seguida, decidiu dar uma voltinha, viu sua mãe que chegava em casa carregando uma sacola tão pesada, que até custava para subir as **escadas**. Ele despistou, passou por ela rapidamente, assoviando, não lhe deu qualquer ajuda.

Assim agia Carlos, só pensava no seu bem, não se importava com mais ninguém, até que numa tarde algo diferente aconteceu. Quando andava pela rua, um pobre homem, bem estranho, muito magrinho e vestindo uma túnica com capuz, lhe pediu que comprasse a última caixa de bombons que vendia, pois estava passando por dificuldades e necessitava de auxílio. O garoto soltou uma gargalhada e respondeu: “Tô nem aí para as suas dificuldades, o problema é seu!”. O homem, então, olhou fixamente para ele, lhe deu a caixa e disse antes de partir: “Leve para você, sei que precisa mais dela do que eu!”

O jovem achou aquilo muito bom e, é claro, comeu tudo sem dividir com a família. Os bombons tinham um gosto maravilhoso, mas, desconhecido, que ele nunca provara antes.

No dia seguinte, Carlos custou para se levantar, sentia uma fraqueza danada e, ao lavar o rosto, tomou um susto! Olhando no espelho, viu que estava... velho, muito **velho**! Ficou apavorado, como isto podia ter acontecido, era ainda tão novo antes de dormir! O que faria agora?

Não tinha muito tempo para pensar nisto, precisava ir para a escola, era o dia da prova final, com suas notas tão baixas, não podia faltar. Pediu ao pai que o levasse, mas, ele respondeu que não iria sair com o carro ainda sujo, pois sozinho não conseguiu acabar de lavar. Carlos não acreditava, será que o pai não percebia a sua situação?

Foi então tomar o ônibus. Teve grande dificuldade para chegar até o ponto, outra para subir sua escada com a mochila pesando-lhe demais e o pior, precisou ficar de pé, com as pernas bambas naquele “balança mas não cai”. Não imaginava como podia ser tão difícil para um idoso se equilibrar, as forças faltavam. Os rapazes que estavam sentados fingiam que não o escutavam e nem viam.

Ao voltar para casa estava exausto, impossível dizer quantos zombaram



de sua lentidão nos movimentos e até o Toró, passando à sua frente, lhe deu um tombo. Foi aí que entendeu como é triste ser ignorado, não receber qualquer ajuda quando tanto precisa. Sentiu um remorso danado, porque sempre agiu exatamente assim com todos. Muito triste, foi dormir e sonhou com aquele pobre homem, que lhe deu os bombons, como gostaria de se desculpar, de ter uma chance para mudar seu comportamento.

Quando acordou, estava jovem como era antes, nem conseguia acreditar e chorou de alegria! Depois disto quem conhecia Carlos se espantava com sua repentina transformação; agora, ele era uma pessoa generosa e prestativa. A sua família, todos os amigos que fez e qualquer um que precisasse, podia contar com ele a qualquer hora e... esta foi a melhor parte, da sua **história!**

Abaixa e levanta

Passando o **sabão**

Dói quando esfrega

O braço e a ---

Do filho não sabe

Se apenas **dormiu**

Ou se está fingindo

Que nada -----

Com custo carrega

A sacola **pesada**

Tremendo as pernas

Subindo as -----

Pulando e latindo
Por um **biscoitinho**
Mas nada recebe
O pobre -----

Espanta num susto
Que grande **mistério**
Acorda e percebe
O quanto está -----

Querer outra chance
Foi uma **vitória**
E a melhor parte
Da sua -----

Respostas:(mão), (ouviu), (escadas), (bichinho), (velho), (história)





COÇA QUE COÇA

Aconteceu na floresta das grandes árvores, lá onde fica a cidade dos macacos, algo nunca visto, uma invasão de carrapatos. Isso mesmo, daquele bichinho que costuma ser muito **chato**. Não se sabia de onde vieram tantos, uma verdadeira infestação, que obrigava a macacada a ficar num rec-rec, noite e dia.

Os danados subiam para a cabeça, escondendo-se nos pelos, depois desciam pinicando até os **tornozelos**. Eram tantas ferroadas que para se coçar, só mesmo **rebolando**. Enfim, grudavam em todo lugar, que nem prego e bem **pregado**. É claro que os macacos comem carrapatos, mas, já estavam enjoados desta refeição e ficando uns balofos.

O prefeito Gibão nada fazia para encontrar uma solução; foi então que o velho macaco Ponga, que não era um songamonga, teve uma ótima ideia para ajudar a todos. Encomendou na distante fábrica de inseticidas, Bai e Bom, várias caixas de veneno em spray para eliminar aquela praga de uma vez por todas e decidiu esperar pela entrega lá na entrada da floresta, evitando, assim, qualquer extravio.

Passou pela estrada a macaca Kika e perguntou para Ponga o que fazia sentado ali. Ele respondeu que aguardava pelo caminhão, que lhe traria um veneno para a morte certa dos carrapatos. Ela estava apressada e continuou seu caminho. Quase chegando em casa, encontrou com uma amiga que ia para o salão fazer uma chapinha em seus pelos e quis saber das novidades. Kika contou sobre o encontro com o velho macaco, dizendo do seu jeito que ele esperava por um caminhão, que estava lhe trazendo um veneno mortal, por causa dos carrapatos.

A amiga, confundindo as coisas, assustada correu para o salão e anunciou que Ponga, por causa dos carrapatos, tomou o veneno que estava em um caminhão. Assim, a notícia foi se espalhando e sendo modificada, uns diziam que ele foi atropelado por um caminhão, outros que os carrapatos o mataram. O certo é que todos choravam pelo triste fim de Ponga e, como era muito querido, resolveram fazer o seu enterro simbólico. Pegaram em sua casa fotos e alguns objetos, colocaram em uma caixa bem bonita e convidaram a todos da cidade para comparecerem ao cemitério, o prefeito faria um discurso em homenagem ao grande companheiro.

Enquanto isso Ponga recebeu sua grande encomenda de sprays, imediatamente borrifou em si mesmo, um pó branco cobriu seu corpo e momentos depois, os carrapatos caíram fulminados, alguns mais espertos, voltaram correndo para o **mato**. Que alívio sentiu! Em seguida, pegou algumas latas e foi

depressa avisar a todos que tinha a solução para o sofrimento do coça-coça.

Chegando à cidade e percebendo a movimentação em frente ao cemitério, pulou sobre o seu muro e gritou: “Meus amigos, voltei trazendo o veneno para vocês, este aqui mata mesmo!”. Apertou as latinhas que soltaram um jato fazendo, shifi-shifi. Quando viram a silhueta branquinha de Ponga, saíram correndo aos berros, pensando ser a sua alma, e o velho macaco corria atrás, shifi-shifi, shifi-shifi.

Cansado de tentar alcançar a macacada, Ponga desistiu, iria embora dali para sempre, mas, antes, entrou no riacho para se refrescar. Quando todos viram o velho amigo sair da água já com sua cor natural, tomaram coragem de aproximar e só então se convenceram de que ele não era um fantasma.

Irritado, Ponga quis saber quem tinha inventado a sua morte, mas, ninguém conseguiu dizer, a notícia passou por tantas bocas que acabou virando um mexerico e, por pouco, os macacos não ficaram lá até hoje, se coçando.

Pois é assim mesmo que acontece, quem conta um conto, aumenta um ponto. Por isto, é bom escutar muito e falar só o necessário, sempre com bastante atenção.

Coça coça

Um **carrapato**

Este bicho

É muito -----

Ele sobe

Pelo seu **pelo**

Depois desce

Pro -----

Onde quer

Vai **ferroando**

Pra coçar

Só -----



Ao final
Fica **grudado**
Como prego
E bem -----

Desagarra
Seu **carrapato**
Vê se volta
Para o ----



Respostas: (chato), (tornozelo), (rebolando), (pregado), (mato)

A LIÇÃO DOS VENTOS

Essa é a história de Beto e Teo, dois irmãos muito pobres, que percorriam as estradas em busca de sustento. Eles já tinham caminhado durante três dias, comendo apenas as frutas que algumas árvores generosas lhes forneciam e dormindo no chão, tendo o céu como cobertor, até que, finalmente, conseguiram trabalho em uma fazenda.

Com o pagamento recebido, compraram material para fazer uma pequena casa. Terminaram a simples construção e estavam muito alegres, porque agora teriam onde morar, mas, chegou de repente um vento devastador e, indiferente a tudo, a derrubou.

Beto ficou indignado, não se conformava com tamanha injustiça, eles eram tão pobres e ainda uma coisa assim acontecer, acabando com o pouco que possuíam. Teo estava triste também, mas, sem qualquer revolta, começou imediatamente a pensar no que poderia fazer. Lembrou-se de que, nas proximidades, havia uma pedreira, então propôs ao irmão aproveitarem as madeiras da casa desabada e reconstruírem outra com as paredes de pedras, mas, Beto, inconsolável, de mais nada queria saber. Teo, porém, não desistiu, quebrou e carregou incansavelmente todas as pedras necessárias e, quando recomeçou a obra, o irmão mais animado ajudou a terminá-la, exclamando ao final: “Acho que, agora, esta casa não **cai!**”.

Tinham, enfim, uma firme moradia, mas, a dificuldade em conseguir alimento ainda era grande. Aconteceu de soltar a roda de uma carroça cheia com sacos de milho, que passava perto dali, fazendo com que virasse. Os rapazes depressa foram ajudar o velho senhor que a conduzia. A carroça era grande e pesada demais, seria impossível movê-la, mas, não para Teo, que depois de transportar tantas pedras ficou muito **forte** e, num só impulso, conseguiu levantá-la, para que Beto recolocasse a roda. O velho, em agradecimento, deu para eles o que tinha de mais precioso, um cesto com diversas **sementes**.

A vida melhorava para os dois, com a generosidade daquele senhor iniciariam uma lavoura e teriam fartura na mesa. Colocaram as sementes ao sol enquanto preparavam a terra, mas, ao entardecer, veio novamente a enorme ventania, jogando o cesto sobre um espinheiro.

Beto se desesperou, chorava lamentando pela sorte, não acreditava mais em qualquer felicidade. Seu irmão, em silêncio, apenas examinava o espinheiro, era tão espesso que nenhuma lâmina o cortaria, se nele atearse fogo, as sementes também queimariam. Cansado de tentar imaginar uma saída, voltou para casa, desejando somente ter pernas finas como de um antílope, assim penetraria ali. Ao pensar nisto abriu um largo sorriso, aí estava

História Contada Poesia Criada



a solução! Fez duas pernas de pau, sobre elas com habilidade passou pelos espinhos e, tendo as mãos protegidas, colheu as sementes. A plantação não demorou a exhibir seus brotos verdinhos.

Depois de um bom tempo, foram novamente surpreendidos pela pior das ventanias. Assim que ela passou escutaram gritos e correram na direção deles. Eram de uma moça presa em um lamaçal, caiu ali porque seu cavalo empinou, assustado com uma árvore quebrada pelo vento.

Quando chegaram ela perdeu os sentidos, já exausta de tentar escapular daquela massa escorregadia e poderia afundar ainda mais. Como fazer para tirá-la de lá? Teo lembrou-se do espinheiro, buscou depressa algumas cordas e suas **pernas de pau**, com toda força conseguia firmá-las no fundo da poça de lama. Rapidamente alcançou a jovem e passou a corda por sobre seus braços para que Beto a puxasse.

Hospedaram a moça até que se recuperasse e quando melhorou, agradeceu os auxílios na plantação e nos afazeres da casa. A sua disposição e enorme simpatia conquistaram o coração de Teo, que logo a pediu em casamento.

Mesmo com toda a felicidade que, a partir daí, reinou naquela casa, Beto continuava reclamando pelos tormentos do mau tempo, mas, seu irmão tinha a esperança de que ele ainda aprenderia as lições do vento. Causavam muitas dificuldades, mas, foi exatamente isso que o deixou mais forte, sábio e com certeza, trouxe a maior alegria. Assim pensou Teo enquanto olhava para o amado rosto de sua esposa.

Vento brinca com a folhinha

Passando pra onde **vai**

Mas se vem na corridinha

Até mesmo a casa ---

Na rocha dê martelada

Depois faça seu **transporte**

Essa pedra tão pesada

É que te deixa mais -----

Na vida que gira gira
Raciocine **calmamente**
Mesmo quando o cesto vira
Espalhando as -----

Diga um olá e sorria
Para lama ou **lamaçal**
Encontrará alegria
Até com pernas de ---

Respostas: (cai), (forte), (sementes), (pau)





O MELHOR CARNAVAL

Formidável é ser um engenheiro, construir prédios e pontes sobre rios e montanhas, ou um detetive, que descobre os mistérios de um crime. E, um cientista então, que pode criar coisas incríveis para ajudar as pessoas e ainda uma fórmula para se tornar um super-herói! Tem tanta profissão neste mundo e o meu pai tinha que escolher ser... palhaço! Morro de vergonha quando alguém me pergunta o que ele faz, chego até a mentir...

Assim pensava Fábio, sentado em sua carteira, quando a professora chamou a atenção da classe e disse:

- Crianças, estamos nos preparando para o carnaval da escola, que será muito animado. Neste ano, teremos uma novidade! Haverá um concurso de fantasias e cada turma deve escolher a sua. Então, vamos decidir, agora, qual será a nossa!

Todos ficaram entusiasmados e, entre as sugestões de Batman, mulher-maravilha, bombeiro, pirata e outras, Tânia se levantou num salto e gritou: “palhaço, tem que ser de **palhaço!**”

- Mas, por que tem que ser esta fantasia, Tânia? Perguntou a professora.

- Porque me lembrei de quando estava doente, no hospital, deitada naquela cama sem poder fazer nada, me sentia muito mal, a cada dia ficava mais triste e só piorava. Foi aí que recebi a visita de um palhaço, ele fez tantas brincadeiras, piadas e caras engraçadas, que me diverti muito! Voltou todos os dias, para que eu ficasse mais **feliz**. Por causa disto é que melhorei, nem sei o que seria de mim sem a ajuda dele. Por favor, professora, deixe ser a fantasia de palhaço, ele é super**legal!**

Todos os colegas concordaram com Tânia e aplaudiram empolgados!

- Muito bem, crianças, exclamou a professora, então está resolvido e foi uma ótima escolha! Falta elegermos quem vai se fantasiar.

Fábio suava, estava com o coração disparado, bem depressa se levantou e disse:

- Tem que ser eu, professora, porque o meu pai é palhaço e vou convidá-lo para vir também!

Quando Fábio chegou em casa deu um abraço apertado em seu pai, contou-lhe do carnaval que aconteceria na escola e pediu para que ele fosse nesta festa com sua roupa de retalhos, a sua roupa de trabalho, um trabalho de muito **valor**. Completou dizendo que ele era um verdadeiro herói!

Seu pai chorou de satisfação por ver que o filho não tinha mais vergonha dele, que havia entendido como é importante levar alegria para os outros.

E adivinhem quem ganhou o concurso de fantasias?

Não é invencível
Nem feito de **aço**
Herói mais incrível
Que é o -----

Alegre a gente
Pintando o **nariz**
E até o doente
Se sente -----

Pula piruetas
E cai no **final**
Fazendo caretas
É super -----

Qualquer um trabalho
Que é feito com **amor**
Com terno ou retalhos
Tem todo -----



Respostas: (palhaço), (feliz), (legal), (valor)



NA FESTA JUNINA

A festa junina estava animada com a grande fogueira, com as barraquinhas de brincadeiras e a comida tão bem preparada. Parece que ali só Rafael estava triste.

Ele era um ótimo garoto, mas, achava que tinha que ser perfeito, não aceitava que os outros vissem seus defeitos. Por causa disto já não andava de bicicleta, que muito indiscreta, lhe deu um tombo na frente dos colegas e isso para ele foi uma humilhação, impossível de suportar novamente. Não ia aos aniversários dos amigos por não ter roupas melhores e um sapato bonito. No clube deixou de nadar, pois se achava gordinho para usar um calção e nem futebol jogava, porque na hora de fazer o gol, errava. Assim, foi desistindo de fazer tudo o que **gostava** e sentindo-se, a cada dia, mais infeliz.

Em meio ao entusiasmo daquela festa junina, Rafael se afastou de todos e, sentado aos pés do espantalho, pensava como iria escapular do seu compromisso. Ele tinha sido convocado para participar da quadrilha, mas, se considerava muito sem jeito para dançar e, como já sabemos, isto era suficiente para desanimá-lo.

Foi, então, que alguém o chamou, Rafael quase caiu para trás, quando percebeu quem era e surpreso gritou: “Que maluco... um espantalho falando como **gente!**”

Calmamente o espantalho disse:

- Não se assuste, porque também já fui um menino e, por isto, sei falar. Como você, eu tinha vergonha de mostrar minhas falhas, queria ser admirado sempre, mas, não é assim que as coisas funcionam. Observe bem as pessoas, José veio com uma bota furada, o padre errou a fala do casório, a Helena que está mais pesadinha, caiu na dança das cadeiras e o professor, quem diria, não conseguiu fisgar na pescaria. Estão lá se divertindo e ninguém deixará de gostar deles por causa disto.

O que importa é **conviver** com todos, dando valor ao que você e os outros têm de bom. Eu não consegui entender isto e fiquei tão isolado, sem ter sequer um amigo, que acabei assim, virando um boneco empalhado, calado e **parado**. Saiba, meu jovem, que só com humildade, alcançamos as maiores alegrias.

Neste instante anunciaram o início da quadrilha e Débora com um lindo sorriso veio chamar Rafael para ser seu par. O espantalho piscou para ele, o garoto compreendeu, respirou fundo e acompanhou a menina. A partir daí Rafael começou a participar de tudo e sua vida se transformou, mas... fica

História Contada Poesia Criada

um mistério no ar, será que ele realmente conversou com um espantalho?

Era um espantalho
Fincado num galho
E que de **repente**
Falou como -----

Com aquele jeito
De só ser perfeito
Mais se **afastava**
Do que mais -----

Virou por ter falhas
Boneco de palhas
Ficou **isolado**
Calado e -----

Mudou seu destino
De ser um menino
Por não **entender**
Que é bom -----

Respostas: (gente), (gostava), (parado), (conviver)





UM OVO QUE NÃO ERA DE PÁSCOA

O rei e a rainha de Florislândia passeavam pelo bosque, quando encontraram uma linda moça, que estava desmaiada junto a um galho de árvore caído. Levaram-na para o castelo, mas, quando ela acordou de nada se lembrava, nem quem era ou onde morava. Não sabia de sua história, havia perdido a memória. Como os reis não tinham filhos, decidiram adotá-la e a chamaram de princesa Bela.

Com muito amor eles faziam tudo pela felicidade dela, porém, por não saber do seu passado, Bela tornava-se, a cada dia, mais triste. Sentia um grande vazio com a sua vida sumida, tentava recordar o rosto de um ente querido, ao menos uma voz, mas, não conseguia e seus pensamentos se acabavam em um... nada. Por isto, andava desorientada, nem percebia quando pisava nas flores dos lindos canteiros, mal conversava.

Quando chegou o dia da Páscoa, que era esperado com muito entusiasmo, o rei teve uma ideia para alegrar a filha. Iria fazer uma grande festa e mandou convidar a todos os habitantes do seu pequeno reino.

Pedro era um humilde carpinteiro, já tinha visto a princesa passeando pelos arredores do castelo e ficou impressionado como um rosto tão bonito podia ter olhos tão **tristes**. Quando ouviu o anúncio da festa, decidiu fazer algo para ela, porque isso ele sabia, o que é feito e dado com carinho, leva um bem enorme para quem recebe e com certeza, iria ajudá-la. Ele possuía apenas um pedacinho de boa **madeira** e suas ferramentas, então esculpiu com todo capricho um pequeno ovo, que ficou **perfeito**.

Durante a comemoração, quando os convidados se divertiam, Pedro se aproximou da princesa, que estava encolhida no trono e entregou-lhe o simples presente dizendo que era o que possuía de melhor. Bela segurou o pequeno objeto e, depois de fixar nele o olhar, por alguns momentos, começou a chorar. A memória voltou, instantaneamente, pois aquele ovo de madeira era igual ao que sua mãe colocava dentro das meias, para ajudar a costurar quando rasgavam. Lembrou-se do imenso afeto que recebia dos pais, de como era feliz, mesmo depois que morreram, pois o amor deles continuou com ela. Finalmente, recordou do galho da árvore que, quebrando, bateu em sua cabeça, quando estava no bosque.

O rei, vendo a filha em prantos, mandou os guardas prenderem o carpinteiro, mas, Bela impediu. Abraçou os seus novos pais, explicando que, graças à generosidade daquele homem, agora se lembrava de tudo e sentia

novamente a alegria de viver. Muito contentes, os reis ofereceram uma recompensa para Pedro, que não aceitou, porque ver a princesa sorrindo, já lhe trazia toda satisfação.

Pois é, fazer o bem só para ajudar, sem mais nada exigir, faz a **vida** ressurgir!

Sem ter chocolate

O ovo foi **feito**

Serra, corta, bate

E ficou -----

Com todo carinho

De simples **maneira**

E um pedacinho

De boa -----

Seu desejo era

O bem que **existe**

Pra moça mais bela

De olhos tão -----

Sua majestade

A filha **querida**

Viu com a bondade

Ressurgir a ----



Respostas: (perfeito), (madeira), (tristes), (vida)



NOEL

Os vestidos de Alice estavam velhos e curtos. Seus pais eram atenciosos, mas, pobres, não podiam comprar outros. Às vezes, ganhava brinquedos usados, alguns até quebrados, mesmo assim se divertia com os amigos, nas brincadeiras de pegador, de roda, de pular corda.

Alice, no entanto, tinha uma vontade enorme de conhecer papai Noel e pedir para ele um presente novinho, embrulhado num lindo papel. Nossa! Isso seria maravilhoso! Pensava assim, porque era véspera do natal, uma noite especial, que aguardava com ansiedade. Seus parentes se reuniam, até os que moravam longe, cada um trazia uma coisa gostosa e o jantar era delicioso! Cantavam, dançavam e ficavam contentes por estarem juntos.

Todos os dias ela deitava na grama e ficava sentindo o **vento** gostoso lhe fazer cosquinhas na barriga e, depois, subir ao céu, para formar figuras com as nuvens. Então, surgiam lá nas alturas os carneirinhos, que eram muitos e bem fofinhos, os elefantes eram poucos, porque, às vezes faltavam as trombas e o mais lindo dos animais era a pomba. Também apareciam deliciosos pirulitos e sorvetes, mas, bom mesmo eram os **foguetes**, neles ela voava por todo o mundo, visitando castelos e florestas encantadas.

De repente, viu uma grande nuvem transformar-se na imagem dela com o papai Noel, que, com muito carinho, a **abraçava**, em seguida, todas as pessoas que amava foram aparecendo também, vestidas com a mesma roupa do velhinho... Acordou assustada, tinha cochilado naquela grama tão macia, foi apenas um sonho!

Voltando para casa encontrou com Fabiana, que lhe deu um pacote embrulhado num bonito e brilhante papel, dizendo que havia comprado aquele presente, por ela ser uma pessoa amável com todos. Alice não acreditava, era o que sempre quizera, mas, nem abriu o pacote, ficou tão emocionada com o carinho da amiga, que só conseguia abraçá-la!

Foi, então, que Fabiana lhe confessou um segredo, disse que não gostava do Natal. Acontecia sempre a mesma coisa, ceava com seus pais e os irmãos, ninguém conversava ou brincava com ela e logo iam dormir. Neste momento, Alice entendeu o seu sonho, pois era uma data em que sentia imensa felicidade por ter todos os parentes unidos, com tanto afeto.

Olhou para o céu, as nuvens se transformaram em corações e teve uma ótima ideia, convidou Fabiana e sua família para passarem o Natal com ela.

Foi uma noite inesquecível, com verdadeira alegria para todos! E acreditam que eles nunca mais deixaram de se encontrar?



Os vestidos de Alice estavam velhos e curtos. Seus pais eram atenciosos, mas, pobres, não podiam comprar outros. Às vezes, ganhava brinquedos usados, alguns até quebrados, mesmo assim se divertia com os amigos, nas brincadeiras de pegador, de roda, de pular corda.

Alice, no entanto, tinha uma vontade enorme de conhecer papai Noel e pedir para ele um presente novinho, embrulhado num lindo papel. Nossa! Isso seria maravilhoso! Pensava assim, porque era véspera do natal, uma noite especial, que aguardava com ansiedade. Seus parentes se reuniam, até os que moravam longe, cada um trazia uma coisa gostosa e o jantar era delicioso! Cantavam, dançavam e ficavam contentes por estarem juntos.

Todos os dias ela deitava na grama e ficava sentindo o **vento** gostoso lhe fazer cosquinhas na barriga e, depois, subir ao céu, para formar figuras com as nuvens. Então, surgiam lá nas alturas os carneirinhos, que eram muitos e bem fofinhos, os elefantes eram poucos, porque, às vezes faltavam as trombas e o mais lindo dos animais era a pomba. Também apareciam deliciosos pirulitos e sorvetes, mas, bom mesmo eram os **foguetes**, neles ela voava por todo o mundo, visitando castelos e florestas encantadas.

De repente, viu uma grande nuvem transformar-se na imagem dela com o papai Noel, que, com muito carinho, a **abraçava**, em seguida, todas as pessoas que amava foram aparecendo também, vestidas com a mesma roupa do velhinho... Acordou assustada, tinha cochilado naquela grama tão macia, foi apenas um sonho!

Voltando para casa encontrou com Fabiana, que lhe deu um pacote embrulhado num bonito e brilhante papel, dizendo que havia comprado aquele presente, por ela ser uma pessoa amável com todos. Alice não acreditava, era o que sempre quizera, mas, nem abriu o pacote, ficou tão emocionada com o carinho da amiga, que só conseguia abraçá-la!

Foi, então, que Fabiana lhe confessou um segredo, disse que não gostava do Natal. Acontecia sempre a mesma coisa, ceava com seus pais e os irmãos, ninguém conversava ou brincava com ela e logo iam dormir. Neste momento, Alice entendeu o seu sonho, pois era uma data em que sentia imensa felicidade por ter todos os parentes unidos, com tanto afeto.

Olhou para o céu, as nuvens se transformaram em corações e teve uma ótima ideia, convidou Fabiana e sua família para passarem o Natal com ela.

Foi uma noite inesquecível, com verdadeira alegria para todos! E acreditam que eles nunca mais deixaram de se encontrar?

Vestido tão curto
Usado há **tempo**
Deitou-se na grama
Sentindo o -----

Olhando pras nuvens
Tomou um **sorvete**
Contou carneirinhos
Voou num -----

No céu viu o sonho
Que tanto **esperava**
Com muito carinho
Noel lhe -----

Respostas: (vento), (foguetes), (abraçava)





AS APARÊNCIAS ENGANAM

A tarde estava linda e o ratinho, sorrindo, se esticou à sombra da macieira, ao lado do velho esquilo, que ali descansava. O esquilo, percebendo a satisfação do amigo, perguntou:

- Por que está com esta carinha tão boa?

- Porque o meu time acabou de ganhar o campeonato de futebol. Também somos todos bons jogadores, nenhum é gordo como aquele porquinho, que não deve servir para nada, respondeu, apontando para o leitão.

O esquilo olhou para o rato com carinho, pegou duas maçãs na árvore e lhe disse para escolher uma. Depressa ele agarrou a mais bonita e, após dar uma boa mordida, cuspiu longe. Estava podre por dentro.

Rindo, o velho sábio explicou:

- A maçã pequena estava perfeita, se tivesse observado com calma, veria que a maior tinha um buraquinho, sinal de que estava bichada. Amiguinho, aprenda a não avaliar as coisas pelas suas aparências. Aquele porquinho, com certeza, tem muitas qualidades.

- Isto é bem complicado, senhor! Como, então, vou compreender o que é certo?

- Precisa, apenas, perceber que tudo pode se transformar. Você sabe contar?

- Claro que sei, senhor esquilo, já aprendi!

- Então, conte quantas partes tem nos corpos dos bichinhos e você entenderá!

Assim, lá se foi o ratinho, pelo caminho, encontrou a borboleta e lhe indagou:

- Amiga voadora, você tem seis patas e quatro asas, não é mesmo?

- Depende, quando era pequena, ainda uma lagartinha, nenhuma asa eu tinha, ela respondeu!

Mais à frente, entre algumas pedras, estava uma lagartixa e o ratinho foi logo dizendo:

- Você possui um único rabinho, eu estou vendo!

Dona lagartixa retrucou que tinha muitos, quando um caía, logo outro nascia e isso acontecia, toda vez que levava um susto!

Adiante ele avistou um peixinho no lago, agora, sim, iria acertar e foi comprovar:

- Peixinho, você só tem dois olhos!

- Isto está correto, mas, não sou peixe, sou um girino, um filhote de **sapo**!

Distraído, o ratinho sentou para descansar e percebeu que algo o levantava do chão, era um besouro rinoceronte. Surpreso, lhe pediu desculpas e perguntou como sendo tão pequeno, tinha conseguido fazer aquilo. O besouro, enquanto ia embora, gritou em bom tom, que podia ser pequeno, mas, era o animal mais **forte** do mundo e, rindo, completou: “Eu tenho a força!”

O ratinho pensou no que disse o esquilo e entendeu, as coisas podem não ser como **parecem**, sempre há transformações, e o melhor a fazer é respeitar a tudo e a todos.

A borboleta disse

Enquanto **lagartinha**

Bem pequenininha

Nenhuma asa -----

E como a lagartixa

Só um rabo **teria**

Se quando um caía

Logo outro -----

Pensava ser um peixe

Mas não era de **fato**

Era sim um girino

Um filhote de ----



Incrível que o besouro
Tanto peso **suporte**
Bichinho tão pequeno
É também o mais ----

Aparências enganam
São coisas que **acontecem**
Podem ser diferentes
Daquilo que -----

Respostas: (tinha), (nascia), (sapo), (forte), (parece)



ANTES TARDE DO QUE NUNCA

A joaninha Juju tem muito asseio. Sabem o que é isso? Isso significa que ela gosta de manter tudo bem limpinho. Além de deixar a casa sempre brilhando, também cuida da sua higiene. Passa um bom tempo esfregando as patinhas em suas antenas para retirar delas qualquer resíduo, pois as antenas são importantíssimas para os insetos sentirem os cheiros e até a velocidade do vento, entre outras coisas.

Como fazia todos os dias, lá foi ela bem cedinho para a beira do rio. Tirou sua roupa de bolinhas, lavou com sabonete neutro e pendurou para secar num pezinho de lavanda, porque esta flor deixa tudo com um perfume delicioso. Depois foi tomar seu banho e, é claro, demorou bastante, feliz e cantarolando, porque o rio não é como o chuveiro, que consome água e luz. Quando terminou foi vestir a roupa e levou o maior susto... ela **desapareceu!** Procurou, procurou e não encontrou. E, agora, como sairia dali naquela situação?

Juju começou a sentir muito frio, teve até calafrio e ficou encolhidinha entre algumas folhas para se **aquecer**. Tentava imaginar o que teria acontecido, será que uma ventania carregou sua roupa, ou seriam alguns filhotinhos que a esconderam só para brincar? E se não a achasse mais, ficaria sendo para sempre uma joaninha sem bolinhas? Carambola, esta coisa só se **enrola!**

Enquanto pensava escutou um zumbidinho e foi bem de **mansinho** em sua direção. Teve uma surpresa! O que era aquilo, uma mosca com catapora? Isso não existe! Enfim, ela pode **entender** o que aconteceu e exclamou:

- Ora, ora, sim senhora! Estou vendo que resolveu dar umas voltinhas com minha roupa, que agora sei porque **sumiu!**

A mosca estava ofegante e, ainda assustada, explicou:

- Eu sempre quis ter uma roupa linda assim, quando a vi pendurada não resisti e, depressa, a vesti. Fui para longe me exhibir e distraída esqueci do sapo cururu, aquele sapão que só quer caçar joaninhas para fazer uma gravata de bolinhas. Ele me confundiu com a senhora e quase fui capturada, seria o meu fim. Nem sei como escapei, mas, veja, me arrancou uma anteninha! Desculpe, acabei só fazendo mal para nós duas, mas, agora, aprendi, procurar o que é errado sempre traz consequências ruins.



- Está desculpada dona mosca, fico feliz por estar viva e por ter minha roupinha de volta. Contudo, foi bom ter entendido o que é certo, mesmo sendo um pouco tarde, porque perdeu sua preciosa antena, mas, ainda foi melhor assim do que parar no papo do sapo. É como bem diz o ditado: antes tarde do que nunca!

Joaninha encolhidinha
Veja o que **aconteceu**
Lavou roupa lá no rio
E ela -----

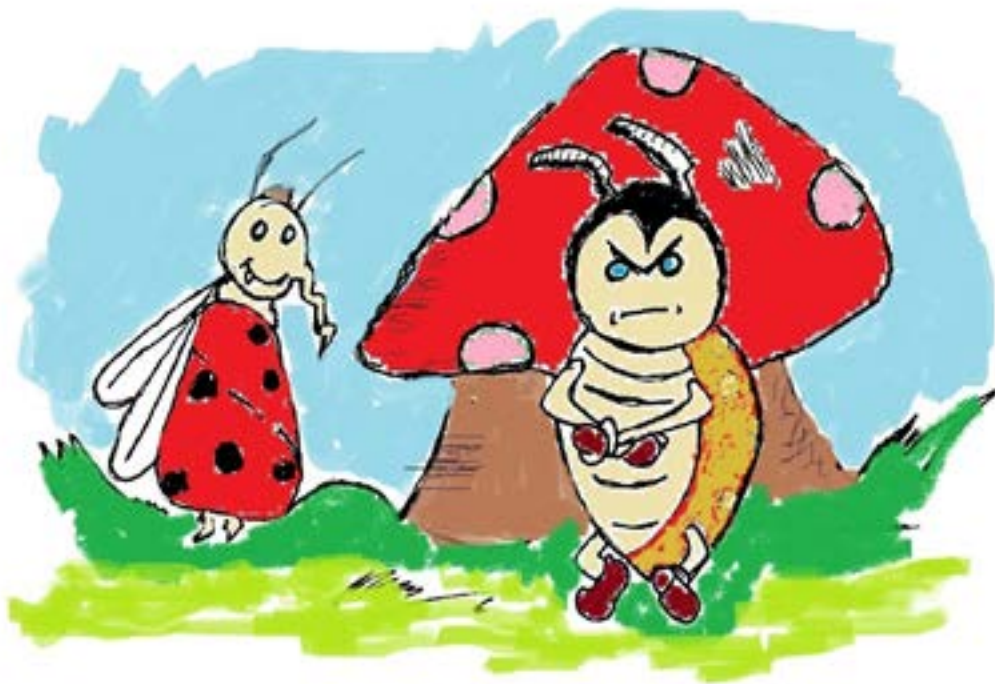
Quanto frio calafrio
Por assim **permanecer**
Enrolada na folhinha
Só queria se -----

Como vai fazer agora
Caramba **carambola**
Joaninha sem bolinhas
Esta coisa só se -----

Escutou um zumbidinho
Curiosa pra **saber**
Foi olhar bem de mansinho
Então pode -----

Ora ora sim senhora
Coisa que nunca se viu
Mosca não tem catapora
É a roupa que ----

Respostas: (desapareceu), (aquecer), (enrola), (entender), (sumiu)





MENTIRA TEM PERNAS CURTAS

Há muito tempo e isso faz tanto tempo, mas, nem o próprio tempo se esqueceu, havia um bondoso padeiro, chamado Manuel, que sempre ajudava como podia a todos que precisavam.

Fazendo tudo com muito capricho, seus fregueses aumentaram e, por isso, precisou contratar dois empregados para dar conta do serviço. Recomendou a eles que jamais negassem o pão para um pobre necessitado.

Aconteceu que, numa manhã, ao chegar bem cedinho, na padaria, o senhor Manuel encontrou uma mulher sentada no chão, ao lado da porta, tentando se proteger da chuva. Era uma jovem humilde, que, encolhida, tremia de frio. Imediatamente ele a convidou para entrar, acendeu o forno, para que se aquecesse, fez bem depressa um café e serviu com uma grande fatia de bolo. Ela disse que não tinha como lhe pagar, mas, o padeiro respondeu que nada cobraria. A moça, faminta como estava, chorava, enquanto comia e, comovida, lhe agradeceu, dizendo que mal conseguia acreditar em sua bondade. O senhor Manuel explicou que ali era bem-vinda qualquer pessoa carente.

Surpresa por ouvir isto, ela então lhe contou que, no dia anterior, entrara em sua padaria pedindo por um auxílio. O empregado que atendia ficou furioso e disse que ali não era lugar para quem perambulava com roupas coloridas, colares e pulseiras, que chamaria os guardas para prendê-la, inventaria que estava roubando. O rapaz falara desta maneira, porque diziam que gente assim, vivia para a magia e neles não se podia confiar.

Então, para não ser presa, deu para ele seu anel de família, nele tinha uma pedra de ametista e estavam gravadas as palavras felicidade e boa **sorte**. O anel, feito por seu próprio avô, era uma herança de grande valor sentimental. O padeiro ficou muito chateado com aquilo. Preparou para ela uma cesta com alimentos e pediu que voltasse no dia seguinte.

Quando os empregados chegaram, o senhor Manuel reparou que um deles usava um anel. Perguntou onde o comprara, pois desejava ter um igual. O rapaz, muito sem jeito, disse que gostava de pedras e ele mesmo encaixou aquela turquesa, numa velha aliança que possuía. O padeiro já percebendo algo errado, pois aquela pedra de cor violeta era uma ametista, pediu o anel para vê-lo melhor. Perguntou o que havia gravado nele e o moço respondeu que nada. Então, o senhor Manuel, fixando os olhos, leu as palavras bem pequenininhas ali escritas, felicidade e boa sorte...

O padeiro informou ao moço que já sabia da verdade, exigiu mais uma vez que tratasse a todos com respeito, com caridade, e que nunca mais lhe mentisse, porque a mentira furta o sossego, tem perna **curta**, não vai muito longe, mais cedo ou mais tarde acaba sendo descoberta.

Como era um homem sábio, não demitiu o empregado e, no dia seguinte, devolveu o anel à pobre moça, pedindo que trabalhasse em sua padaria por um tempo. Ela aceitou e se mostrou cuidadosa com tudo que fazia. Todos apreciavam o seu entusiasmo pela vida, suas roupas com babados e fitas, colares, brincos e pulseiras **bonitas**. Trabalhava cantando e, ao final do dia, tocava seu pandeiro, enquanto dançava com giros **ligeiros**. A sua verdadeira magia, era ter imensa **alegria**.

Foi assim que aquele rapaz se encantou com ela, percebeu que tinha bom coração e a grande injustiça que ele havia cometido. Acabaram sendo ótimos amigos, mas, quem ficou mais satisfeito ainda, foi o senhor Manuel, que gostava muito de ajudar a todos e essa felicidade, nem o tempo faz esquecer.

Mentira na certa
Vai ser descoberta
O sossego **furta**
E tem perna -----

A moça é bacana
A vida ela ama
A sua **magia**
É ter -----

Roupa colorida
Estampa florida
Babados e **fitas**
Pulseiras -----



Cantando balanço
Nos passos da dança
Tocando **pandeiro**
Girando -----

No anel a lembrança
Da sua herança
Ser feliz e **forte**
E ter boa -----

Respostas: (curta), (alegria), (bonitas), (ligeiro), (sorte),



COISA POUCA NÃO SE REGRA...

A vovó Guita, desde pequenina, aprendeu a cozinhar e é especialista em doces, sabe fazer de todos os tipos que se possa imaginar. Quando ela coloca sua touca e o avental, a família se agita, mas, quando também pega uma boa quantidade de cocos, aí é como se disparasse um alarme geral e começa o maior “trança, trança” pela cozinha. A cada minuto aparece um querendo tomar um golinho de água, mas, na verdade, é para dar uma espiadela no que já está pronto.

Vovó, tranquilamente, sapeca os cocos no fogo, tira a casca, põe força na munheca e rala que rala, isso mesmo, porque ela não gosta de usar os aparelhos modernos, não se acostuma com eles. Depois, junta com a rapadura num enorme tacho para cozinhar. De vez em quando põe uma pelotinha do doce num copo com água e, quando flutua, é sinal de que já está no ponto certo. Aí, com uma colher de pau, vai formando as deliciosas cocadas que, enfim, só faltam esfriar. Esta é a etapa mais torturante para todos que já não se afastam mais dali.

Papai não consegue esperar, ligeiro ele pega uma no tabuleiro e antes que os dedos se queimem, sai correndo, para que o vento ajude a esfriar. Vovô, que está com os dentes fracos para mastigar, finca nelas um palito e, junto com a menininha, vai soprando e lambendo como se fosse um pirulito; é impossível saber quem se lambuza mais. Mamãe separa algumas para ela e vai jogando aos pouquinhos na boca, sem parar o que está fazendo. Até o gato Chumbinho, que é cria da casa, mia pedindo e consegue ganhar um bocadinho.

O menino é, entre todos, o mais alucinado pelas cocadas. Sempre guarda um pedaço da sua última para saborear mais tarde. Desta vez colocou numa vasilha, pôs em cima do piano e foi para a escola. Lá ficou na maior ansiedade, só pensando nela, a ponto de responder à professora que o resultado de sete vezes oito, era igual a... cocada. A aula terminou e, chegando em casa, avançou para a vasilha, mas... estava vazia, o restinho havia sumido!

Foi um fuzuê! O garoto chorava e gritava indignado, querendo saber quem comeu o seu doce. Parou de ser pequeno e cresceu, exigindo a verdade. Ninguém acusava nem confessava. Todo mundo desassossegoou! Mamãe ficou irritada, papai não conseguia ver o jornal, a menininha não dormia e o vovô não cochilava.



Vovó veio acudir e ofereceu para o menino um tanto de doce de banana, que tinha no pote de lá e um bocado de boa **goiabada**, que tinha no pote de cá. Ele respondeu que de um não queria e do outro menos ainda. O chororô continuou, desejava como um louco comer apenas aquele pouco, aquele cisco de um **tico** da sonhada **cocada**, que tinha deixado ficar.

Vovó Guita desabafou: “Por isso, sempre digo: coisa pouca não se regra, acaba com isso, que logo **sossega!**”

E quem rapou aquele doce sem pedir licença, ninguém soube, ninguém viu, mas, será que esqueci de alguém nesta história?

Com coisa que é pouca

É bom não ter **regra**

Acaba com isso

Que logo -----

Mesmo com um tanto

De uma **bananada**

Mais um bom bocado

De uma -----

Ele só queria

Um teco **nanico**

Ainda que fosse

Um cisco de um ----

Seu desejo era

Comer a **sonhada**

Fatia guardada

De sua -----



Respostas: (sossega), (goiabada), (tico), (cocada)

OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS

Elza nasceu bruxa, dessas que usam chapéu pontudo, vestido preto, voam em uma **vassoura** e têm um nariz grande e vermelho, que mais parece uma cenoura. É claro, só podia ser assim, porque os seus pais também eram bruxos e viviam na terra das Torres Flutuantes, lá no mundo dos feiticeiros.

Ela era muito atenciosa e inteligente, inventava poções bem diferentes. Preparava, para quem sofria de preguiça, a sua receita especial, o mingau Levanta Caveira. Cozinhava, no caldeirão, inhame com mostarda, uma pitada de pimenta malagueta, uma corneta, suor de cavalo e língua de **galo**. Pronto, qualquer um virava um rojão!

Para quem era guloso também sabia a solução. Colocava numa gamela, bicho de queijo, um dente quebrado, baba de lombriga e bastante sal amargo. Deixava de molho sob a luz do luar, depois era só tomar. O comilão perdia a fome, ficava magro, magro.

Curava o mal de amor perdido e tristeza incubada, com pelo de hiena, ovo sem gema, pétalas de rosa e cola em bastão. Dizia as palavras mágicas: “Partidim, partidão, tristeza milanese, fica colado o seu coração!”. Daí pra frente era só alegria.

A bruxinha era muito procurada para resolver os probleminhas do dia a dia, fazia sapo virar sapato, transformava gato branco em **preto**, consertava pé manco, tirava verrugas dos dedos e isso, vocês sabem, é uma coisa que incomoda bastante! Assim ia atendendo a todos, mas, o seu próprio desejo ela não conseguia satisfazer. Há anos tentava ganhar o concurso de bruxarias, mas, sempre ficava em último lugar, pois a sua magia era considerada boba, sem a importância digna de um grande feiticeiro.

Chegou o dia de Halloween e ela novamente se inscreveu no concurso, não desistiria de tentar. Desenvolveu a fórmula de um ótimo tônico de capim para fazer crescer o cabelo. Porém, estranhamente, o concurso não começava, até que a feiticeira Murgana comunicou que o mago Marlin, o responsável pela decisão do vencedor, havia desaparecido. Isso provocou um tumulto, os candidatos, irados, jogavam raios para todos os lados.

Foi aí que Elza saltou para o palco dizendo que resolveria o problema. Todos caíram na gargalhada, mas, com autoridade gritou por silêncio. Então, triturou uma carapuça de saci com uma cabeça de bacalhau e um anzol. Espalhou o pó sobre a bola de cristal, dizendo: “Zim-zam-bim, mostre o que está perdido para mim!” Ploft! Apareceu a imagem de Marlin debaixo da mesa dos jurados.



Levantaram a toalha da mesa e lá estava ele, dormindo sossegado. Foi fácil para Elza que sempre ajudava a achar objetos perdidos.

Custaram para acordar o mago, ele tinha trezentos e cinquenta anos, e já cansadinho, dormia como uma pedra. Agora, poderiam começar o concurso, mas, quando Marlin soube o que acontecera, decidiu logo dar a vitória para Elza, afinal, sua magia foi útil e de grande importância, pois do contrário ele ficaria ali dormindo eternamente. Assim a nossa bruxinha, sempre a última classificada, ficou desta vez, merecidamente, em primeiro **lugar**.

A bruxinha tem
Nariz de cenoura
E voa **também**
Em uma -----

Receitas inventa
Suando o **cavalo**
Com uma pimenta
E língua de ----



Retira pé manco
Verruga do **dedo**
Faz um gato branco
Virar gato -----

Por ter ajudado
É que foi **ganhar**
O tão esperado
Primeiro -----

Respostas: (vassoura), (galo), (preto), (lugar).

